

Ilustração Portuguesa



III ANIVERSARIO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colónias portuguesas e Espanha:
Trimestre..... 2\$00 ctv.
Semestre..... 5\$00 »
Ano..... 10\$00 »

Redacção, administração e oficinas: Rua de S. Bento, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios

Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**
Pedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

MESQUITA & VIGA NOVA, L.^{DA}

Juvelaria e Joalheria

Completo sortido — Compra puro
58, Travessa de S. Domingos, 60

Figurinos infantis

vestes, taunhos, chapéus «benets» e
boinas na casa

DAMIÃO & C.^{IA}

Novidade,
encanto e
elegancia
em abafos,
benets e

7. Chiato, 51

A. B. Soares

ALFAIATE-MERCADOR

TECIDOS NACIONAIS e ESTRAN-
GEIROS feitos em todas as medidas
para homens e crianças. TEL. 3427.

217, P. DOS FANQUEIROS, 219

Cabelos fortes, limpos, abundantes e sedosos

Só tem quem usa **VITELINA VITERI** TONICO AMARELO

Deposito geral: VICENTE RIBEIRO & C.^A, Suc.

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.^o, D. — Telef. 2455

FRASCO 2\$50 — PEDIR NAS FARMACIAS E DROGARIAS



CHOCOLATE, CACAU e BONBONS

SÓ DA
AFRICANA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA — Avenida, 23 — TELEFONE 3641

DIRECTORA MADAME CAMPOS

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra, Diplomada com frequência em massagem **MEDICA ESTETICA, PEDICURE, MANICURE**, e tintura dos cabelos, pela Escola Françoza de Paris, d'Ortopédia e Massagem. Ex-massagista assistente do Hotel Dieu de Paris. Antiga professora diplomada inscripta e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista socia efectiva de diferentes Sociedades scientificas etc., etc.

Massagens *Medica* e *Estetica*. Cultura da Beleza. *Cura da obesidade* e redução parcial da gordura. Tratamento da pele, das rugas, sinais de bexigas, manchas, pontos negros, vermelhidão, sardas, cicatrizes, etc., pela electricidade. Cura radical dos pêlos por um novo processo, muito simples e economico. Desenvolvimento, redução e enrijamento dos seios, resultados depois de tres dias de tratamento. *Cura da calvice*. Tratamento especial para fazer nascer pestanas e sobrancelhas. *Metodo de evitar que os cabelos embranqueçam e de fazer voltar os brancos á sua côr natural, sem os pintar*. Tintura para os cabelos em todas as côres, com a duração de dois anos. Envia-se a fórmula de fazer voltar os cabelos escuros ao louro dourado, sem os pintar. Lavagem dos cabelos com secagem electrica. Aparelhos e produtos para a beleza das mãos e unhas. Aparelhos para todos os tratamentos de massagem estetica e medica. Perfumes e produtos de beleza para a conservação da mocidade. *Todos os tratamentos se podem fazer por correspondencia*.

Resposta mediante estampilha. Depósitos: em LISBOA, Salão Mimoso, rua Augusta, 282; PORTO, Bazar Soares, rua 31 de Janeiro, 234 e 236.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 777

Lisboa, 8 de Janeiro de 1921

20 Centavos



A cantora portuguesa sr.^a D. Laura Tagide Tavares; ao piano e sr.^a D. Maria Judice da Costa, tendo á direita sua filha sr.^a D. Brunilde Judice Carusou.

CAPA — *Il y a de doux adieux au seuil des ports*
(«ODELETTES» de Henri de Regnier), por Mademoiselle Maria Antonia Silva Porto de Almeida Santos.

Cronica da Semana



Mais sabemos quantas vezes nos temos aqui occupado da aventura de Gabriel de d'Annunzio; muitas decerto, o que não quer dizer que muitas mais ainda não virão a ser, porque é esse um dos condões dos artistas — o fazorem falar de suas pessoas. E' cedo para se fazer a historia do caso de Fiume, que muitos tomarão pelo lado humorístico, mas que roçou pela tragedia; o que desde já, porém, se pode afirmar é que a sua liquidação, se é que está liquidado, não teve a grandeza desejada e esperada, não logrando o procedimento do patriota, até agora, apagar a impressão de desconsolo que produziu. Urge que o poeta venha em socorro d'aquelle, com uma das suas

obras imorredouras; o poema deve resgatar em breve as faltas do aventureiro, envolvendo a verdade na fantasia, não com um manto diáfano, segundo a definição de Eça de Queiroz, mas espesso, bem espesso, que nem por isso deixará de ser belo, porque Gabriel de D'Annunzio pode enfeitá-lo com estrelas de mil cores, deslumbrantes e formosíssimas.

E se de Fiume ficar essa obra d'arte, o anctor terá resgatado sobejamente as suas incoerencias e a humanidade absolvel-o ha do sangue derramado por uma teimosia ou por um capricho, que d'outro modo teria sido inutil. E' possível que a estas horas as primeiras estrofes já estejam escritas; quando se tornarem conhecidas os indiferentes deixarão de rir, mas até lá desculpe-se a irreverencia de quem ainda o não pode ver senão amesquinhado pelas notas da reportagem jornalística, a qual desceu tanto ás intimidades que por pouco o não apresenton de chinelos de trança ou barretinho de dormir, á caça das melgas ou a praticar qualquer outro acto caseiro, de duvidosa heroicidade.

CHEGAM dentro em pouco a Lisboa, com o fim de realizar conferencias publicas, ao que o «Seculo» revela, dois grandes vultos do socialismo, o chefe do partido socialista belga, sr. Emilio Vandervelde e o sr. Alberto Tomaz, que foi ministro em França, durante a guerra. Não sabemos o que se projecta para que tenham uma recepção condigna, mas decerto alguma coisa excepcional se fará a fim de mostrar a homens de tal categoria que é com alvoroço e jubilo que lhes facultamos a nossa casa, fazendo todo o possível para que levem, ao deixa-la, agradaveis recordações. Ora, para isso, a primeira coisa a fazer é o que fazem todas as boas donas de casa: arruma-la convenientemente, desempoeira-la, pôr os moveis no seu logar, apresentarlhos, finalmente, não riquezas, que as não podemos ter, mas o arranjo sufficiente para que á saída nos felicitem, no livro dos visitantes, com a costumada frase relativa ao bom estado de asseio.

N'esta tarefa todos devem ajudar, govêrno e particulares, mas parece que a uma classe compete mais especialmente o serviço de ordem na actual occasião, porque é talvez a mais interessada em honrar os dois illustres estrangeiros; é a classe operaria, que não deve perder o ensejo de mostrar o seu poder, não de numero, mas de consciencia, de illustração e de comprehensão de deveres, para demonstrar a Vandervelde e a Alberto Tomaz que sabe receber hospedes e até que as conferencias d'estes, por muito apreciaveis que sejam, não lhe darão provavelmente novidades nem lhe indicarão caminho diverso do que tenciona trilhar.

E' possível que nem toda a gente seja d'esta opinião e que haja quem suponha que conviria ao operariado receber as altas figuras do socialismo com espectaculos de agitação, porque esta é a demonstração

mais evidente de energia; cremos que semelhantes manifestações não seriam gratas aos dois visitantes:—uma «grêve» de ferro-viarios, por exemplo, que os obrigasse a uma tormentosa viagem da fronteira até Lisboa, ou uma «grêve» de empregados da viação electrica, não menos incomoda, seriam de todo o ponto inoportunas. Reservemos essas interessantes provas de vitalidade para quando estivermos em familia.

HA dias expunha-nos uma pessoa respeitavel a opinião de que o fazer moeda falsa não lhe parecia crime de monta... Admirámo-nos de que assim raciocinasse um cerebro em equilibrio, mas um exame mais detido veio alterar levemente a nossa primeira impressão, porquanto aquelle modo de vêr está tão generalizado entre nós que é licito perguntar se as antigas leis sociaes terão desaparecido e em substituição outras se tenham formado, absolutamente contrarias áquelas, que o que hontem consideravamos roubo seja hoje uma acção licita, que a desvergonha, emfim, seja actualmente a mais pura moral. Se esta resulta de convenções impostas pelas maiorias ou pelas minorias inteligentes, é de recear, efectivamente, que as suas bases sejam agora muito diversas d'aquelas que na nossa meninice nos ensinaram a respeitar, porque a falcatronia já não é uma excepção, mas um facto que bem pode considerar-se normal.

Outro caso, cuja autenticidade garantimos: ha dias uma dona de casa, como corresse o boato de que os legumes iam faltar no mercado, mandou vir d'uma conhecida e bem afreguezada mercearia, 60 litros de feijão, no que foi immediatamente satisfeita. Como zelosa dos interesses do casal, que é, a mesma senhora verificou se a conta estava certa, por meio d'uma medida da capacidade de um litro, que possuia e que estava legalmente aferida. Deu-lhe na totalidade 54 litros, pelo que fez, pelo telefone, a respectiva reclamação ao proprietario do estabelecimento. Resposta d'este:

—E' que v. ex.^a provavelmente serviu-se d'alguma medida pequena. Nós aqui servimo-nos d'uma medida de 60 litros; ao litro, tem quebras... No entanto, se v. ex.^a não deseja ficar com o feijão n'estas condições, devolva a saca.

A senhora ficou com o feijão, pagando 54 litros por 60, porque o homem da loja é pessoa d'uma probidade absoluta e firma acreditadissima na praça, e assim somos forçados a crer que até o sistema metrico está seriamente abalado. Deve ser isso.

ACHA-SE publicada a 2.^a edição de «O meu rosario», livrinho de versos da sr.^a D. Amelia Guimarães Vilar, na verdade preciosos. A poetisa cultiva a redondilha com rara felicidade, como o leitor pode ver pelas seguintes amostras:

*Beijei-te as mãos com carinho,
Tu, depois beijaste as minhas...
Ainda vêr, meu amorzinho,
Quatro ninhos d'andorlinhas!*

*Consente um beijo na mão
Ou nos labios de setim?...
Se os labios dizem que não,
Os olhos dizem que sim...*

*Não digas nunca que eu disse:
—Não me deixes por ser pobre!
Gabar-se a gente é tolice,
Poupar os fracos é nobre!*

Formosas quadras, não é verdade?

Acacio de Paiva



AS TRISTEZAS E MISERIAS DUMA COMEDIANTA DE FAMA

Principios e vida duma actriz. D'Annunzio ou uma paixão fugaz: G. Chechi ou o amor até a morte. Sonhos desfeitos, realidades tristes e novas melancolicas. Um marido desprezado enquanto vivo e que após a sua morte ainda serve para se receber uma pensão. Uma gloria que passa do esquecimento para se refulgir na Historia duradoiramente.

DEPOIS d'um gelido silencio d'alguns anos, o nome de Eléonora Duse voltou, ultimamente, a estar n'uma citação de persistencia diaria. Lá fóra, um pouco e cá, bastante, sempre que a aventura de Finme—a pior peça de D'Annunzio—vem á baila, ou necessidade ha do cronista mostrar conhecimentos.

Um dia, é que ela vai reaparecer no proscenio; no outro, é que Gabriel pensava n'ela para exteriorisar, á luz da ribalta, os mavoriticos sucessos da sua belica rebeldia. Crêmos que uma e outra noticia não passam de fantasias literarias «ad usum» ingenuos ou de manifestações de quem jámais viu a artista e fala nela por falar—deixando ao passado e ao esquecimento o que eles guardarem para a verdadeira apreciação.

Os factos são muitos outros, cheios de desolação e melancolia, e diferentes são as circunstancias, tristemente perturbadoras e desconsoladas.

Conhecemos a Duse. Sabemos a sua cronica artistica e um pouco da sua vida pessoal. Vimol-a representar em Lisboa e na Italia, no teatro e fóra d'ele. Era uma grande comedianta, quer pelo lirismo, o segredo do seu genio, quer pelo jogo de scena, incomparavel nas modalidades, falando com o corpo, com as mãos e com os olhos, sem ás vezes pronunciar uma palavra e até, por uma intuição superior, colaborando com os autores em movimentos complementares e frisantes de situações.

Foi o que aconteceu com Dumas Filho, o primeiro que a revelou nos cultores da arte de representar do occidente, citando-a, n'uma das notas da edição definitiva das suas comedias, como tendo tido a inspiração de repetir uma terceira vez a frase do «juro-te» (em a «Princesa de Bagdad») em que só o acento tonico era, com efeito, insufficiente para o irrefutavel e irresistivel do testemunho da innocencia em amores tão complexos. E agradecendo-lhe o ter feito, graças ao seu talento e á sua autoridade, entrar no repertorio italiano as suas peças, dirigia-lhe um elogio de tal ordem—ele, um francês!—que ficava-se ansioso, desejando aplaudi-la, como se corre esperando atrás d'uma ventura estonteadora.

O acaso d'uma viagem, por essa encantadora Italia, fez com que, tempo depois de lérnos esse encomio á Artista, tivéssemos tido o inefavel prazer, em Palermo, (1896) de a aplaudirmos na primeira representação de a «Gioconda» com Zacconi e Irma Grammatica, hoje cele-

Ilustração de Rafael Bordalo Pinheiro
no numero unico *A Duse*, publicado
em 1898.

bridade. Memorável noite! D'Annunzio não foi chamado, mas veio pela mão de Duse e, apesar d'isso, os assobios dos estudantes não deixaram de se ouvir. E até hortaliça lhe atiraram para o palco!

Estou a vel-os no «hall» do «Hotel Trinacria» onde eu também estava hospedado, depois da recita, em alegre ceia: a enorme calva do grande escritor, e não menos grande emproado, os seus gestos estudados e que se observam e a voz dolente dessa que mais tarde ele expulsaria dos jardins de lilases para um casebre de Veneza, causticando-a, rugosa, pintada, em o «Fuoco»! O amor já a declinar, e que só lhe encontrara nas «belli mani» causa para lhe oferecer uma obra de paixão violenta, de dolorosa magia inspiradora.

Lembro-me d'esse amplo corredor do hotel, todo pejado de enormes malas com as iniciaes «G. D'A.» encimadas por uma corôa ducal — a esposa do poeta era uma titular. Parecia mais o mostruário d'um caixeiro viajante — que por essa época o motivo do sarcasmo era as centenas de duzias de gravatas e meias do burilador do «Filho de volúpia»...

Passados anos, Duse deu entre nós uma serie de recitas, no D. Amelia, (1898) triunfalmente, em varrio do repertorio — de Goldoni a Ibsen, de Dumas a Verga. Foram recitas involvidaveis. O visconde S. Luis tinha-lhe preparado — superfluidade imperiosa do reclame — um ambiente especial. Já os bi-

lhetos foram a libra! Teve palmas estrepitosas; teve lapide; teve um jornal unico illustrado por Bordalo Pinheiro; teve jantares nessa grande Dama que foi a Duqueza de Palmela; teve todas as honras e todos os proventos. Mais tarde, voltou, mas as belas coisas não se repetem, pelo menos com o mesmo esplendor... A sua primeira aparição em a «Mulher de Claudio» — vestida de preto com uma simples rosa encarnada no corpete — havia sido um deslumbramento para a vista, e, depois, para o ouvido, para a intelligencia. E já não era nova, nem realmente formosa e mesmo com uma perna mais curta que a outra. O talento comtudo... Como sorria, como as lagrimas lhe caíam.

De Lisboa foi para Paris, representando em italiano. Obteve êxito, merecendo mesmo elogios a esse foroz

Sarcey, defensor extrenuo da literatura franceza, da invasão estrangeira. Dumas Filho já havia morrido e foi no repertorio regional que mais a apreciaram — quando prendia «os pés» á terra.

E curioso é que desta comedianta extraordinaria, tenham sido só as mãos e os pés que encontraram nos seus apologistas os melhores madrigaes de referencias á rutila scentelha...

A «Oeuvre Parisiense» a consagrou, (1905) porsentur-no, e, dando a replica, em francês, ao lado de Lugne-Poe e de Suzana Després (que fazia a «Gioconda» talvez com mais incendiada chama apaixonada) brilhou e subjugou os auditorios da elite. Seguiram-se-lhe os louros dos países escandinavos e Ibsen, nos derradeiros dias de existencia, não poude vêr nela a realidade das snas divinais criações feminias. Decorridos poucos meses sobre essas viagens gloriosas, adoentada, mudada, nem mais ao longe chegaram os ecos da sua existencia artistica. Refugiara-se, com efeito, na silenciosa terra das gondolas, e D'Annunzio por outros canais afastados da rainha do Adriatico fazia passear a sua musa, a sua fama, o seu cabotinismo... Volvidos onze anos, vêm novas noticias — das quais se pode deduzir um significado.



Eleonora Duse

dos os tempos. Fundamentalmente latina, fazia viver as personagens de Pinero como se o seu berço tivesse sido a Gran-Bretanha. Em seguida, era romana, para minutos depois ser franceza.

Foi ella — um dos maiores titulos da sua gloria — que pela vez primeira mostrou aos occidentaes as Revoltadas de Ibsen. A Nora, da «Casa da boneca», e a Rebecca, do «Rosmerholm», nunca tiveram quem melhor lhes fizesse sentir a complicada sensibilidade, os reflexos d'almas aparentemente socegadas e frias como os «fjords». Por isso Christiania lhe deu a carta de cidadina.

Tudo isso era aliás, para a memoria dos que a viram e não esquecem, que para a gloria da actriz o ruido entrava sempre nas azas do vento... A gloria não passa d'uma pagina historica.

E o empresario Shurman, que a trouxe a Lisboa, pu-

O poder de interpretação d'esta Mulher era extraordinario. Representava em todas as escolas e peças de todos

blicando as memorias de Duse, conta que ella ficára, uma vés, toda zangada, chorosa vendo n'umas contas de «tournée»... as despesas feitas com as casacas dos duques que a aguardavam na «gare» de Viena... São tambem, assim, as honras e famas artisticas.

Alguem, agora, cruelmente, veio relembrar o outro passado, quando ella, modestissima raparigueta de Milão, — não se chamando nem Elèonora, nem Duse — era o que communmente se encontra na historia dos palcos.

Por essa época, ella só encontrou abrigo dos vendavais do proscenio no amor, simples, sincero, dedicado d'um chanceler da legação argentina. Elle a salvou dos precipicios que prematuramente lhe abriam as palavras banais d'um critico balofo, os ramalhotes de baratas flôres d'um baboso espectador, as arremetidas d'um empresario que oferecia melhor contracto... Ella só valia, artisticamente, o que vale uma comparsa dando bem o seu recado.



Duse e o actor Marey na peça *Les Bas-Fonds*, de Maximo Gorki (acto II).

O chanceler e a principiante se uniram e essa união, pouco depois sancionada por um casamento religioso, começaram a ser venturosa para a actriz. Passou a apresentar-se melhor, como que a reflectir melhores entendimentos. Principiou a ser citada, a ter nome. O tempo contudo não corre de balde, alterando tudo, transformando quando menos. As ridentes illusões entrando no palco evaporam-se á luz da ribalta. E esses principios acariciadores, ternas fantasias, poucos anos após, eram desoladoras realidades. Ella conseguira um grande nome; tudo tinha mudado: só o amor do chanceler pela já celebre actriz se conservava inalteravel, affectivo, amargurado. Mas, o d'ella...

Outros casos e outras aventuras. Giros pela Europa e America. Comboios expressos e recepções em palacios reais. Outros desvairamentos e outras ingratidões. Outras grandezas e outros rebaixamentos. O chanceler carpindo as suas magoas por diferentes cidades. Outros amores e outras quedas.



Duse e os actores Chéron, Saillard e Marey no 3.º acto da mesma peça.



Uma das grandes interpretes de *La Gioconda*, M.^{me} Suzanne Després, no papel de *Silota*.

A enfermidade e o fulgor dramático que já não aquecem as plateias. A miseria, as apostrofes, o olvido—emfim.

Mas tudo isso é muito mais, que já não pode ferir a sensibilidade embotada de hoje, nos lembra ter observado já na biografia da celebre Rachel, que iniciou o período aureo da comediante, mendiga aclamada, rameira, jogando aos milhões, com amores vulgares e estranhos e tendo mais do que um outono palido e gemente...

Duse, que no capítulo não se pode também comparar a nenhuma dessas heroínas do século XVIII—de Ana Duclos a Maria Joly—entrou num inverno glacial. E' agora uma velhinha pobre, carcomida, que vive em Buenos Ayres—obediencia á lei—como viuva pensionista de um finado consul geral: o sr. G. Chechi, que morreu em Lisboa.

Era um homem belo. Aqui viveu meia duzia d'anos, já então consul geral da republica americana. N'esta cidade, ocultava os seus pesares, os seus enternecimentos passionaes. De longe, vinham as noticias dos triunfos da Duse—objecto do seu primeiro amor, talvez o unico. Ele lhe dera um nome honrado, quando ella pobre e desconhecida, quasi lh'o pedira—nome aliaz que só o registo paroquial usara. Finou-se sendo ella uma celebridade e rica, nem d'ele por certo, se lembrando. O destino quer, porém, que Duse volte ás necessidades dos primeiros tempos! Dormindo na campa fria o eterno sono é ainda o cavalheiro Chechi que lhe vale por haver sido marido; uma pitanga salvadora Duse recebe, por esse facto, do monte-pio argentino, comtanto que ella viva nesse territorio. E lá vive—se verdadeiramente se chama viver ao extinguir dum sol que nem poente incendiado já consegue mostrar... E' a sombra de que fala o Ecclesiastico.

Tal é o ultimo informe, interessante, desconhecido e suggestivo. Ele vale mais em si do que todos os comentarios: é um compendio de filosofia.

Bordalo Pinheiro—o glorioso artista portuguez, que se tem produzido em terras francesas teria tido um nome e fama universais—na soberba pagina que lhe consagrou, a pinta quasi sempre com um ar dolente. Era essa a impressão que Ella dava.

Mortos são quasi todos os que nesse rarissimo nu-

mero unico colaboraram. E os vivos envelheceram. Escreveram: D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: «Que de tesouros de fluido nervoso a Duse gasta em cada noite! Que quantidade enorme de vidas a Duse tem vivido na sua curta existencia mortal!...» Fialho d'Almeida, depois de chamar «cloaca-cerebro do mundo a Paris» classificava a Duse como «a mais alta expressão da súpromacia dramatica franceza»; Tomás Ribeiro poetisava:

damos-lhe o nosso pranto
não vendo nela a actriz! tal é sua magia.
A inveja era ciume! a Duse faz-se amar.

Moura Cabral pedia perdão de no festival de grandes alegrias... não dizer nada; José de Azevedo, como leigo, achava que «o seu genero d'arte extinguia-se com ella»; Magalhães Lima confessava que ella «como um raio de luz lhe inundou todo o seu ser»; Eduardo Schwalbach estava convencido «de que Duse é o feminino de Deus!; Gualdino Gomes sandava-a pela boca de D'Annunzio—«voi siete l' Eccelsa»; Marcelino Mesquita classificava-a «de primeira actriz do seu tempo»; Melo Barreto assinalava-lhe o «sentimento heroico das grandes tragicas antigas»; o conde de Monsaraz jurava-lhe por sua vida:

Que só de ouvir-vos e vêr-vos
Eu trago a alma dorida
E fatigados os nervos.

e quem estas linhas escreve:

«O filosofo escreven que a mulher não era nem anjo nem animal. Se a Duse tivesse feito passar ante os seus olhos observadores as figuras de Cesarina, Magda, Paula Santuza, Mirandolina, Lioneta e Hedda, qual seria depois a sua impressão? Talvez a mesma que o nosso Diogo Bernardes tinha desse ente que

toda ave, toda féra, e toda flôr,
de si suave cheiro derrama.

E, assim, o pessimismo e a poesia congraçados descreveriam o estado d'alma do espectador que, vendo representar a actriz, não sabe se efectivamente vê um mixto de ave, flôr e fera, mas sim também uma Mulher, que de si suave cheiro derrama...»

Tudo isso pertence ao passado. Hoje, o festival é triste e a poesia é mais triste ainda...

José Parreira.



Fecho do numero unico *A Duse*, original de Rafael Bordalo Pinheiro.

A visita aos presos politicos na Trafaria



Na Trafaria. Atravessando a ponte

Os presos politicos da Trafaria foram nos ultimos dias festivos muito visitados.

As nossas gravuras dão um aspecto dessa romaria enternecedora.



No Tejo. A caminho



Alguns dos visitantes e pessoas de familia dos presos da Trafaria

FIGURAS E FACTOS



Uma parede do predio que desmoronou no Casal Ventoso de Baixo

Um violento temporal se desencadeou sobre Lisboa ao mesmo tempo que uma onda de frio fazia enregelar os habitantes. Resultado do frio foram decerto algumas pneumonias, mas do temporal foi um predio que no Casal Ventoso de Baixo abateu, deixando sem abrigo e na maior miseria os seus habitantes.

Numa cidade onde a falta de casas é cada vez maior, ainda, ironia do Destino, os elementos se congregam para o tornar mais pungente. Sitio de pobres, de pequenos e modestos haveres, o desastre impressionou duradouramente todo o bairro, tendo, como uma das nossas gravuras mostra, sido uma romaria constante ás ruínas. Felizmente que o facto não causou desastres pessoais.

Em Carrazeda de Anciaes realison-se o consorcio da Sra.^a D. Maria Ferreira Lobo com o sr. Norberto Mesquita, importante capitalista, tendo os noivos seguido para Paris.



Casamento elegante.



Gente do sitio apontando o desmonoramento — Uma parede — Os sem abrigo.

1. A visita do sr. Cunha Leal, ministro das finanças, á casa da Moeda. O sr. Cunha Leal e o sr. Anibal Lucio de Azevedo, administrador geral d'aquelle estabelecimento do Estado.



2. O novel actor Artur Duarte, que no dia 5 realisou a sua festa artistica no Teatro da Trindade.



3. Bethmman Hollweg, o ultimo chanceler do imperio alemão, que acaba de falecer na Alemanha após curta doença.

4. A manifestação funebre ao tumulo do velho republicano Augusto José Vieira.

Uma homenagem merecida



O illustre escritor sr. Henrique Lopes de Mendonça, pronosto para a comenda e grã-cruz de Santiago e illustre colaborador da «Ilustração Portuguesa».

VIDA LITERARIA—Os ultimos livros



O sr. Horacio Machado Ribeiro, autor do livro *Suspiros d'Alma*.



O sr. dr. Astolpho de Gouveia Pinto, que ao publico portuguez revela o interessante livro *Diario de um medico*, contos baseados nas modernas ideias da medicina e da cirurgia.

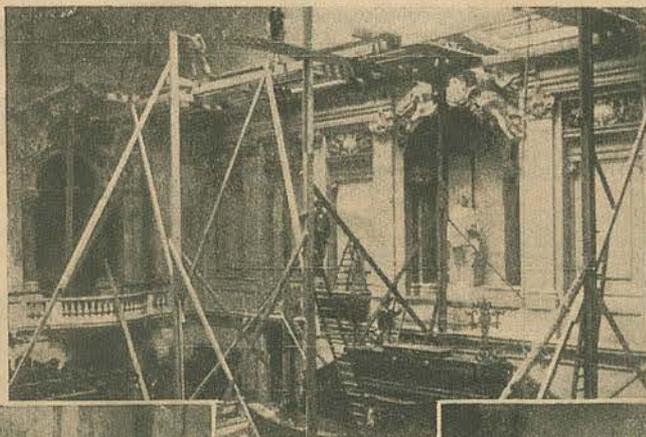
SÃO estes os ultimos livros publicados,

embora outros tenham sido reeditados. Entre estes figura o *Cousas minhas* de Chagas Roquette, livro notavel a que o publico sagrou já, exaurindo-lhe as sucessivas edições. D'ele nos ocuparemos proxicamente.



O "PANNEAU" DA SALA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

ESTÁ já colocado na sala das sessões da Camara dos Deputados a tela comemorativa das Córtes de 1820 e os vinte e cinco braços que vão formar a cercadura superior da parede onde aquela é colocada. É



uma obra prima de Veloso Salgado, um dos nossos grandes mestres, sendo os braços obra do distinto pintor Bemvindo Ceia. A tela mede 22 metros de comprimento, sendo a sua largura de 5 metros.



1. O «panneau».

2. Os andaimes na sala das sessões da Camara dos Deputados para colocação do «panneau» no seu lugar.

3. Manuel Fernandes Tomás.

4. Escutando o orador.

5. Outros pormenores do grande «panneau» da sala da Camara dos Deputados.



NO MAR E EM TERRA NAUFRAGIOS E DESCARRILAMENTOS



O vapor americano *Yellowstone*, de 6122 toneladas e 42 tripulantes, encalhado em Ponta Deigada, devido ao grande temporal. A gravura mostra-nos o salvamento dos tripulantes por meio de cabo vae-vem.

O vapor *Kemmel* encalhado em S. Vicente de Cabo Verde com fogo a bordo.

(Cliché do sr. João de Melo)



Dois espótos do descarrilamento entre Valência de Alcantara e Marvão, de que resultou ficar morto o fiscal do governo sr. Manuel Duarte Pereira e ferido o condutor do comboio sr. Manoel Soares, cuja fotografia publicamos.

OS MORTOS



A sr.^a D. Amália da Cunha Amaral falecida no Porto. Era esposa do comerciante e sr. Adolfo Monteiro do Amaral e irmã do nosso colega na imprensa sr. Amadeu Cunha.



Aspecto do funeral do sr. Antonio Inacio Avelar.



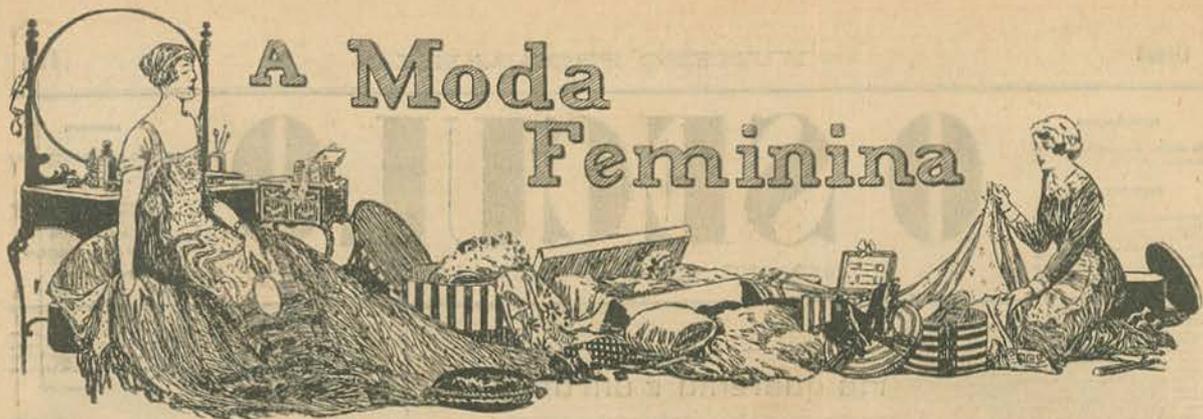
O sr. José Marçal Antonio falecido em Vila Nova de Fozzõa. Era pae do deputado sr. dr. Orlando Marçal.



O sr. Amaro Pereira Magno, falecido ultimamente em Coimbra, sendo o seu feretro trasladado para a sua terra natal, Vila Nova de Ourem:



A inauguração do retrato do coronel sr. Antonio Maria Batista, na Camara Municipal de Santa rem.



A Moda Feminina



O SEGREDO DO CHIC

por D. HELENA DE ARAGÃO ◦ ◦ ◦
◦ ◦ (Ilustrações de Jorge Barradas)

FORTIFICADA no seu inexpugnável reducto de fantasia, a Moda, essa filha dilecta do Capricho e da Vaidade, vem, desde tempos imemoriaes, colaborando na evolução humana, suavizando com a versatildade das suas manifestações e com as modalidades encantadoras do seu prestigio, as manchas sombrias e confrangedoras que as convulsões sociais e

linha geral adoptada,—que na realidade é actualmente graciosissima e favoravel á mulher—e que na nota de originalidade discreta, imprescindivel para a obtenção do realce de «silhouette», sob o ponto de vista da verdadeira elegancia, não transpareça o intuito «tapageur», o mais temido inimigo da distincção e do «chic».

Como nota caracteristica da moda actual, os bordados, em todos os generos, mas principalmente inspirados no gosto do oriente aparecem, n'uma profusão estonteante em todas as «toilettes», desde as mais simples, recobrem os chapéus, transformam em admiraveis mimos d'arte, os sacos de mão, as luvas, os vens, tudo emfim, em que a paciencia, a pericia e a fertilidade imaginativa da mulher possam evidenciar-se.

Mas, para seguir a Moda e ser-se elegante, não basta recamar a «toilette» de desenhos capricho: os. Na escolha d'esses bordados, na combinação original, mas inteligente, das côres e dos modelos, na sua adaptação ao proprio fisico, depois d'um exame detido e imparcial das vantagens e defeitos com que a Natureza nos distinguu, na adopção d'esses pequeninos n'udas, na apparencia insignificantes, que imprimem no conjunto uma nota pessoal, inconfundivel, é que reside o «chic» por que tantos almejam e que tão poucos sabem afirmar.

«Vestir bem» é arte requintada e difficil que raros conseguem interpretar...



as hecatombes resultantes tem deixado impressas nas paginas da historia dos povos.

Nunca o seu poder falin; nunca nenhum espirito, por mais independente e avesso a coquetismos que se orgulhasse de ser, pôde subtrair-se, em abs luto, á sua influencia mágica de soberana portentosa, nfanando-se de ter atravessado a vida inteira sem lhe sacrificar um momento—embora ligeiro—de atenção.

Perante a gracilidade seductora dos seus caprichos, nem sempre e momentaneos com as normas da razão, infringindo mesmo, por vezes, n'um supremo desdem pela sistematização de principios e convencionalismos, as regras da estetica, mas sempre dominadores, sempre irresistiveis, as preoccupações curvam-se em freguas momentaneas.

Alongando o olhar pelas belas avenidas do «Bois», esse «écran» imponente onde perpassam, sem cessar, as mais requintadas elegancias parisienses, o nosso espirito queda-se maravilhado pela multiplicitade de manifestações em que a Moda afirma o ecletismo que preside ás suas creações mais recentes:

Tudo se usa, tudo é «chic», desde que se observe a



A 9ª Exposição de pintura de AR LIVRE

1. «Mar de... amargura» (Algarve), quadro de Fação Trigoso. — 2. «A minha rua», quadro de Frederico Aires — 3. «Uma rua na vila», quadro de Antonio Saude.



4. «A-Gracinda», quadro de João Reis. — 5. «Rua d'Aldeia», por Alves Cardoso — 6. «Vindima», quadro de Carlos Reis. — 7. O pintor Antonio Saude.

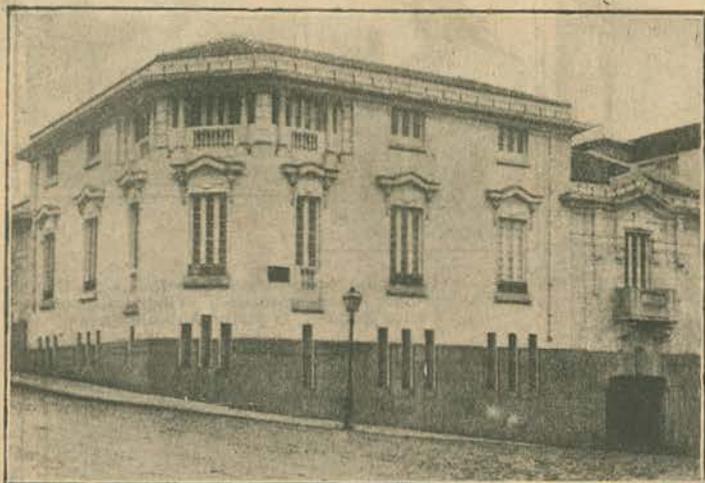


8. Os pintores João Reis, Fação Trigoso, Carlos Reis, Alves Cardoso e Frederico Aires. — 9. Trecho da exposição com alguns dos expositores.



A ESTETICA CITADINA

O PREMIO VALMÔR



A propriedade na Avenida Duque de Palmela, á qual este ano foi conferido o premio instituido pelo benemerito Visconde de Valmôr.

No Mundo
do "Sport"



O sr. Trigueiros de Aragão (Idanha-a-Nova), afamado equitador, que por doença deixa o hipismo.

As novas notas do Banco de Portugal



A de mil escudos. (Verso e reverso)
Uma nota que positivamente não vem resolver a questão dos trocos.



A de dois escudos e cinquenta centavos. (Verso e reverso)
Dois escudos e cinquenta centavos! A que, se as cousas forem subindo como vão, dispensará pertiteamente todas as de valor inferior.

A MODA E AS CRIANÇAS

Ilustrações
de
Jorge Barradas



Nos últimos tempos, a «toilette» dos adoráveis «babys» tem merecido excepcionaes atenções por parte da Moda. As exigencias da estetica e os protestos dos higienistas proclamavam, desde ha muito, a urgencia de se reformar o vestuario das creanças, submetendo a elegancia infantil a regras independentes das que presidem á elegancia adoptada pelas

suas mããs.

Realmente, era lamentavel que se pretendesse sufocar a natural vivacidade da creança, tolhendo-a n'uma «toilette» que poderia representar um modelo d'arte convencional mas que obstava á espontaneidade dos movimentos, obrigando esse adoravel ser, que emerge na vida sedento de liberdade, a um constrangimento incompativel com a exuberancia de seiva e de entusiasmo que lhe circula nas arterias.

Hoje, a «toilette» das creanças obedece ás indicações do criterio, atendendo-se principalmente ao seu bem-estar e ás exigencias do seu desenvolvimento fisico, o que de maneira alguma briga com as regras da verdadeira elegancia, antes a simplifica.

Em Lisboa, seguindo o exemplo evolutivo que o estrangeiro nos oferece, a ideia de crear estabelecimentos destinados quasi exclusivamente á elaboraçã da moda infantil tem tomado louvavel incremento.



A vitrine da casa Damião & C.ª na Rua Garrett

to e algumas casas, modelares no genero, expõem nas suas elegantes vitrines primorosos modelos de «toilettes» para creanças, que podemos classificar de verdadeiras produções d'arte.

Na casa Damião, ali no Chiado, que toda a Lisboa elegante conhece, encontramos a vulgarisação das regras d'uma elegancia infantil impecavel e inteligentemente comprehendida, em modelos e «toilettes» que nos maravilham.

Citaremos ao acaso um encantador «mateaux», e gorro condizente, creação d'essa casa, em «pauca verde-jade quadrillé» de branco, guarnecido com vizes de «monflonne» branco e com botões de «galalithe» branca, que satisfaz, em absoluto, a todas as exigencias da elegancia, conciliando-as com as de conforto, tão apreciada para as creanças.

E a par d'este mimo de graça, a Moda apresenta-nos dia a dia uma variedade infinita de modelos lin-

dissimos, de irreprezivel «chic», sem necessitar submeter a espontaneidade vivaz da infancia á tor-tura do constrangimento e da imobilidade tão nefasta para o seu desenvolvimento fisico.

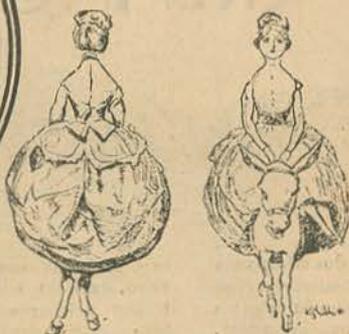
No vestuario das creanças, como aliás se observa na moda geral, a logica, o criterio e o bom gosto triunfarão sempre em toda linha.



O Estrangeiro Pitorresco



Alexandre Dumas aos 50 anos



Verso e reverso. (De The Passing Show)



O comprador: — Cem liras? Mas não me disse quando entrei que eram 50?
O sapateiro: — Sim, mas isso era ha vinte minutos!
(Do «Pasquino» de Roma)



Uma curiosa caricatura de Sam. O rei Afonso de Hespanha em Anteuil.



Catarina Calvert, a estrela do cinema em plena gloria. Não se sabe se a sua mão aperta o coração, se o colar de perolas.

tente ganancia que se apossou de certos comerciantes a quem tudo serve de motivo para sem ele elevarem os preços. E' tambem curiosa a caricatura do rei D. Afonso de Hespanha, que nada tem de ofensivo e que até ao monarca deve ser risinha. Ha mais o cincoentenario da morte de Alexandre Du-



A estrela do dia dos teatros de New-York, miss Kathleen Martyn



M^ls Dorothy Ward, que está despertando grande entusiasmo entre o publico ingles.

cerebro produziu de cousas engenhosas! . . . O que o leitor amou os seus personagens! . . . Morreu ha muito é certo. Mas ainda hoje se devoram os seus livros. Varias estrelas no galarim. Não ha duvida que a celebridade se inclina mais para as mulheres do que para os homens. O Caruso mesmo, só foi verdadeiramente grande quando disseram que ia morrer. Não morreu e é uma pessoa como qualquer de nós.

SUPLEMENTO
NUMERISTICO Nº

O SEculo

DIRETOR: JACACO DE FAIVA

PROPRIEDADE DE: J. DA SILVA URBANO, Lda



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Cunha Fortunio Leal



O domador:

--Estes diabos são peor de domar do que os do Coliseu!



PALESTRA AMENA

Palhaçadas

Já sabem que houve um dia d'estes uma grande pandega em que tomaram parte, como protagonistas, os actores Alves da Cunha, do Ginasio e Nascimento Fernandes, do Apolo e como personagens secundarias outros artistas e pessoas conspicias. Pingiram os dois sympathicos mancebos que se insultavam um ao outro nos jornais, com referencias desagradaveis ao trabalho de cada um (o Nascimento chamou palhaço ao Alves da Cunha, alegando que este tambem lhe tinha chamado palhaço) um jornal publicou-lhes ingenuamente as explicações e os insultos, e as coisas chegaram até o duelo, fingido, com espadas fingidas, padrinhos a fingir, espectadores a fingir, tudo a fingir.

Confessamos que fomos dos «comidos», o não cremos que seja vergonhosa confessar-lo, porque tinhamos em tanta consideração aquellos dois artistas que os não julgavamos capazes de vir palhaçar para a rua, embora o espectáculo fosse de graça e por isso não mereçam censura de maior.

Nascimento Fernandes é um actor comico, excentrico ou como lhe queiram chamar e tem talvez desculpa, porque o publico está habituado a rir d'ele, no bom sentido da frase, e depois d'esta farçada não rirá mais nem menos do que já ria; mas Alves da Cunha é artista dramatico, propõe-se a actor de tragedia, e esse é que se arrisca muito a que o não tomem a serio quando no palco pretenda comover os espectadores, se estes forem tambem os da fantochada do duelo ou d'ele tenham tido conhecimento.

O pretexto foi o actor Nascimento escrever que Alves da Cunha, quando no ultimo acto da «Garça» saltava para a mesa, praticava uma palhaçada. Ora se d'aqui em diante o publico, n'aquella scena, começar ás gargalhadas, por se lembrar de que ella fóra a aparente origem do pseudo-duelo, em que situação fica, perante a arte, o interprete de Henrique Bataille? Alves da Cunha é o legitimo continuador dos Rosas, vai fazer alguns papeis de Brazão e d'estes colherá exemplos d'uma vida de probidade artistica; «fitas», piruetas ao ar livre, reclamo que para aí chamam á americana, porque os americanos estão longe e não protestam, é que se não encontram nos muitos anos de teatro d'aquelles artistas, que foram grandes porque o souberam ser, porque nunca se amesquinham no teatro ou fóra d'ele.

D'este modo é licito desconfiar de outros actos praticados, ou a praticar, por artistas teatraes modernos, que se tem tomado a serio. Querem ver que uma circular a pedir colaboração para o numero unico d'uma folha dedicada ao professor de indumentaria Castelo Branco, com a recommendação de se escrever acerca da influencia d'este senhor na

arte dramatica, especialmente no que respeita ao «Barro em pé», não passava d'uma parifada carnavalesca, pois que o pedido era feito por Nascimento Fernandes? Querem ver que as afirmações de que Alves da Cunha vai interpretar o «Otello» e outras personagens de Shakespeare não passam d'uma chuchadeira para disfarçar o proximo?

Todas as suposições são licitas quando se trate, já agora, de artistas modernos, em especial d'estes dois, convido que o publico esteja sempre de pé atraz quando se trata d'eles.

Fiquemos por aqui, não sem avisarmos o leitor de que esta «Palestra» não é, como alguém julgaria á primeira vista, uma censura á pantomimee do duelo Nascimento—Cunha: é, como aquele foi, uma parodia.

J. Neutral.

Mais barafundas

Agora é que lhes damos a nossa palavra de honra que não sabemos como havemos de escrever esta linda lingua portugueza, que tantas voltas tem levado desde que nasceu até hoje.

Ensinarão-nos que vinha do grego, do latim, do ceita, do arabe, etc., e meterão-nos na cabeça que havia-nos de conservar nas formas graficas uns restos das origens—quanto ao grego e ao latim, já se sabe. Depois, alguns illustres maduros, como o nosso Garrett, complicaram a coisa, duplicando letras semeando «hh», «yy», etc. Depois voltou tudo á normalidade. Em seguida veio uma simplificação racional, pela qual a linguagem escrita não perdeu o seu character e não engeiton de toda a etimologia, e toda a gente estava satisfeita, porque, emfim, acabavam as letras dobradas, o «i» grego era devolvido á Grécia, e outras reformas tinham apparecido que não eram tolas de todo.



Pois, sim, mas foi sol de pouca dura. Como os acentos, n'essa mesma simplificação era a unica coisa que atrapalhava uma pessoa, que se via o perros para saber quando tinha de pôr o grave ou o agudo, eis que uns sabios, vendo a estada do Julio Dantas no poder, aproveitam a ocasião em que elle fazia distraidamente um soneto e zapanham-lhe a assiuatura, para introduzir o tre-

ma e aumentar a trapalhada dos acentos, sob o pretexto de evitar confusões! Pois sim: nós não nos importamos, porque não fazemos caso nenhum de durezas e havemos de escrever como muito bem quizermos, visto que temos tanta auctoridade no assunto como os reformadores; mas quem lamentamos são os desgraçados petizes, que na instrução primaria vão ficar chumbados, lá porque não souberem se em «frequente», por exemplo, o «n» deve ter acento grave, agudo, trema ou qualquer outra sinalefa...

Por sinal que já ouvimos dizer a um mudo que na sua opinião, «frequente» nunca deve ter o «qu» accentuado, porque seria pôr um acento n'outro acento...

E viva a pandegal!

Praticos como os ingleses é que não ha: precisavam de azote, porque os alimentos que o contem escasseiam lá como cá? Nada mais simples. Foram-se ao ar e, segundo contam as gazetas, arranjaram um meio de aproveitar o que n'ele se acha misturado com o oxigenio e outras miudezas que constituem a atmosfera terrestre.

Mas o melhor—é é isso que as ga-



zetas não dizem, porque são umas ignorantonas—é que os mestres bifes mataram d'esta forma dois coelhos, o primeiro dos quais é alimentarem-se e o segundo é passarem a ser joviais, elles que até aqui eram as pessoas mais carrancudas do mundo.

Não percebem, seus quimicos d'uma figa? Então lá vai a explicação: o oxigenio é o gaz hilariante, o que deu ensejo ao celebre Julio Verne para escrever o seu «doutor Ox»; é um gaz que faz rir a bandeiras despregadas, e como onde ha muito riso ha pouca siso, a natureza, que é mãe e que não quer ter filhos malucos, temperou o oxigenio do ar, com azote, que produz efeitos contrarios ao seu companheiro gazoso. Vae d'ái os ingleses passam a respirar oxigenio livre de azote, não completamente, para não morrerem a rir, como Maria Rita, mas o bastante para deixarem de ser os semsaborões que todos nós conhecemos.

Os efeitos estão-se já produzindo. Pois que a isto de nos prolongarem o prazo para pagarmos a divida de guerra, senão um resultado de demasiada absorção de gaz hilariante?



O documento diplomatico

(Numero para uma revista teatral)

ACTO 2.º

SENA 5.ª

(N'uma rua. Encontram-se sujeitos, e impõem silencio uns aos outros).

CORO

Sabem a nova do dia?
E' um caso sintomatico.
Quem é que revelaria
O documento diplomatico?

Uma joven (d'uma janela)

O' homem que paraste,
Pst! pst! O' simpatico!
Fostes tu que roubaste
O documento diplomatico?



O Antonio Cabreira

Eu que sei tudo e sou
Um grande matematico
Ignoro quem roubou
O documento diplomatico!

O Brito Camacho

Não vou para Moçambique
Sem que algum policia pratico
O ladrão á gente indique
Do documento diplomatico.

O Julio Dantas

Ando a fazer um drama
No genero burocratico
Que se chama
«O documento diplomatico».

O Afonso Costa

Se não me querem ausente
Do partido democratico
Hão-de dizer primeiramente
Quem foi o ladrão indecente
Do documento diplomatico.

CORO

Desde Melgaço até Faro
Todo o povo anda lunatico
Com este caso tão raro
Do documento diplomatico!

Mutaçào.

EM FOCO

Virginia Vitorino



*Genstis sonetos! Quanto sentimento!
Amór... amór... a primavera... os ninhos...
Ceu sem nuvens... perfumes e carinhos...
De vez em quando um tímido lamento...*

*E em tudo o colorido do talento,
A mocidade a rir pelos caminhos,
Colhendo, sem roçar pelos espinhos,
As rosas orvalhadas do relento...*

*Menina e moça, caminhais seguindo,
Como n'um conto de bondosa fada,
Ue colibri dourado, em plena aurora.*

*Quele vos leve onde em palacio lindo
Encontreis companheiros de jornada
Que vá convosco pela vida fóra...*

BELMIRO

Vencido!

Os senhores são testemunhas de que aqui desejámos que o nosso estimavel colega e bom amigo Gabriel de d'Annunzio se satsse bem da empresa em que se metera, isto é, que vencesse a Italia e quaisquer outros países que, por ventura, lhe quizessem tirar Fiume! Mais ainda: ajudámo-lo nas mesma empresa, senão fisicamente — porque d'aqui até Fiume é um estirão e as viagens estão caras como burro, — pelo menos moralmente. Pois beñ: agora que ele se declarou vencido, que vai safar-se de Fiume em aeroplano, como soem em Li' boa transpor os espaços, de 1.º quadro para o 2.º, os «compères» das revistas teatraes, não se nos leve a mal que censuramos o dito Gabriel e o tratemos com pouco respeito, porque terminou em prosa a sua aventura.

«Não vale a pena morrer pela Italia» disse ele, ao que parece. Não va-



lerá, mas um poeta d'aquella categoria não atira assim, em reles prosa, uma frase á prosteridade. Devia te-la dito em verso, para o que podia ter escolhido os seguintes modelos:

1.º

Italia amena
Vou-me d'aqui;
Não vale a pena
Morrer por ti.

2.º

Vou-me embora, Italia amiga,
Não perco por ti a vida
E faço-te, á despedida...
Uma figa.

3.º

Vou-me raspar, enfim, d'aeroplano,
Para onde não sei, nem até quando,
Mas para ti, ó povo italiano,
Estou-me marimbando!

Os casos de Barcelona

Ainda ninguém explicou satisfatoriamente as causas das falencias dos Bancos de Barcelona, quando Espanha está a abarrotar de ouro...

Ora pois, trata-se da costumada inveja dos nossos visinhos. Ouviram falar na pseudo-falencia da casa Tota, quizeram provar-nos que lá sabem fazer mais e melhor e faliram a serio.

Não nos podem ver uma camisa lavada, aqueles diabos!

Livros, livrinhos e livrecos

Filigrana—E' um livrinho de versos do sr. Antonio Bourbon—livrinho pela forma, que não pelo que encerra. São quadras com originalidade, com beleza, muitas d'elas, embora por vezes d'uma independencia de metrificacão com que os respeitadores do classicismo estarão em desacordo.

Exemplos, em quadras de versos de dez silabas, os seguintes:

*As minhas luvas são como adolescentes
Princezas doentes vindo um lago.*

Na bizantina alhambra da Cerula,

As nuvens são iluminuras e ritos.

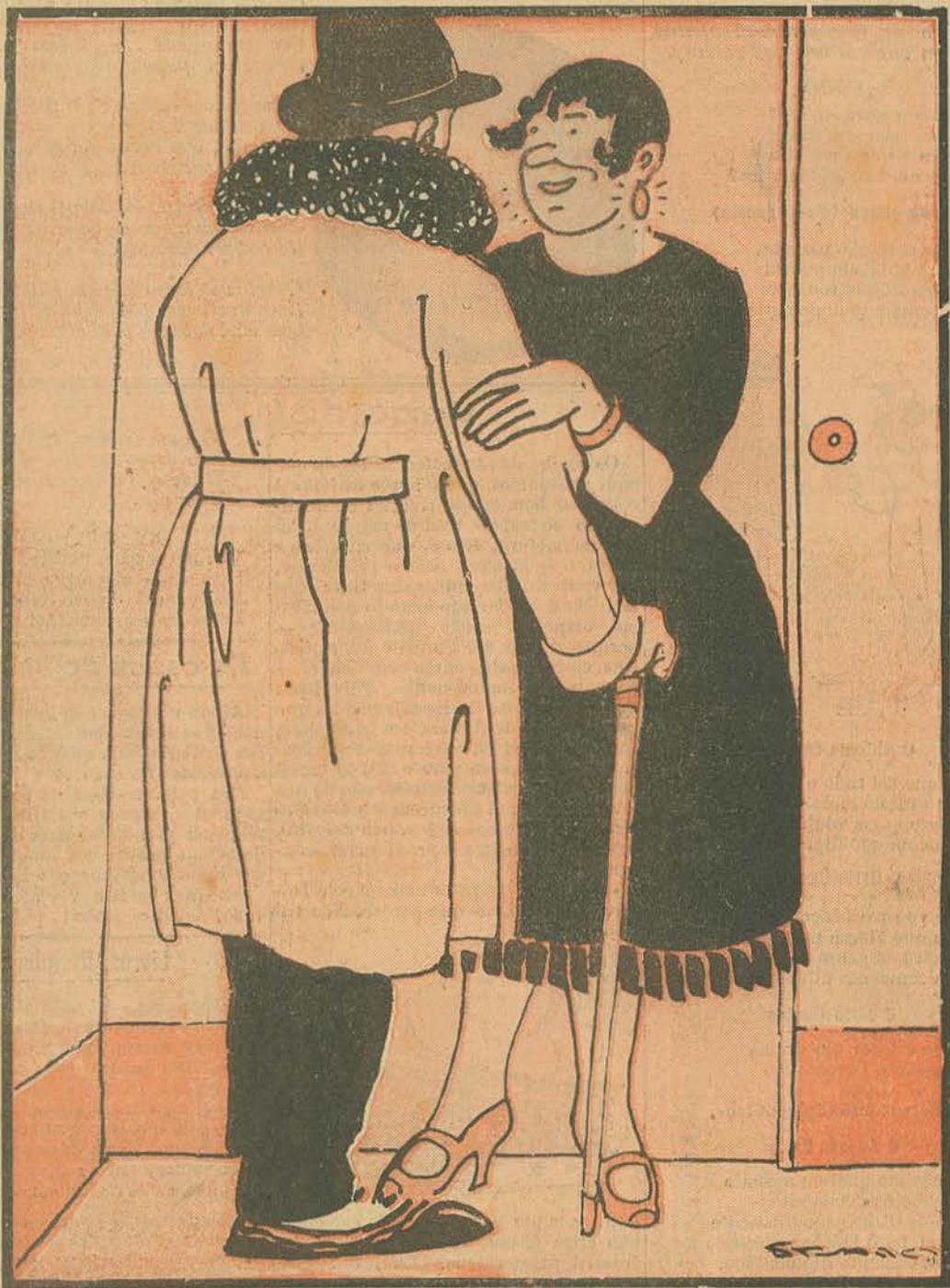
Multicóres tem aspectos cheios.

Alucinações de pedrarias; é a vida.

Levanto os olhos a dentro em mim e vejo.

Etc.

O progresso



O novo-rico, para a mulher:

— *E' pena não saberes escrever!*

Ela:

— *Ora essa! Nem é preciso. Traz-me uma mánica de escrever e os pois ninguém sabe se sou eu que escrevo ou se é a mánica!*